



***UNIVERSIDADE: ESPAÇO PARA (RE)PENSAR CONCEPÇÕES DE GÊNERO, MASCULINIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS***

***UNIVERSIDAD: ESPACIO PARA (RE)PENSAR CONCEPCIONES DE GÉNERO, MASCULINIDAD Y SUS IMPLICACIONES EN LA FORMACIÓN DE PEDAGOGOS***

***UNIVERSITY: SPACE TO (RE)THINK GENDER CONCEPTIONS, MASCULINITY AND THEIR IMPLICATIONS IN THE TRAINING OF PEDAGOGUES***

*Ivone Maria Mendes Silva*<sup>1</sup>

*Tatiane Fátima Lapinski*<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente artigo analisa as concepções sobre gênero e masculinidade(s) de pedagogos em formação, buscando discutir de que forma a inserção deles no contexto universitário tem repercutido na (re)construção de suas masculinidades. Enfoca ainda aspectos da formação em Pedagogia e o papel da Universidade na abordagem das questões de gênero, considerando as incidências ou atravessamentos destas questões nas possibilidades formativas e de atuação profissional às quais os pedagogos têm acesso. As narrativas produzidas pelos sujeitos da pesquisa, no contexto de um grupo focal, apontam a vivência de experiências em que suas masculinidades foram questionadas, principalmente em função da escolha profissional. No entanto, eles problematizam esse preconceito como algo que deve ser desnaturalizado, assim como as concepções de gênero que o sustentam. Conclui-se que a Universidade, como outros espaços educativos, pode assumir um papel importante na discussão de padrões normativos de gênero e na desconstrução de práticas discriminatórias nesse âmbito.

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia. Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim/RS, Brasil.

<sup>2</sup> Graduanda em Pedagogia, Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim/RS, Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero. Masculinidades. Educação. Universidade.

### **RESUMEN**

El presente artículo analiza las concepciones sobre género y masculinidad(s) de pedagogos en formación, buscando discutir de qué forma la inserción de ellos en la universidad tiene repercutido en la (re)construcción de sus masculinidades. Enfoca aún aspectos de la formación en Pedagogía y el papel de la Universidad en el abordaje de las cuestiones de género, considerando las incidencias de éstas en las posibilidades formativas y profesionales. Las narrativas producidas por los participantes, en el contexto de un grupo focal, apuntan a la vivencia de experiencias en que sus masculinidades fueron cuestionadas, principalmente en función de la elección profesional. Sin embargo, ellos problematizan ese preconceito como algo que debe ser desnaturalizado, así como las concepciones de género que lo sostienen. Se concluye que la Universidad puede asumir un papel importante en la discusión de patrones normativos de género y en la deconstrucción de prácticas discriminatorias en ese ámbito

**PALABRAS-CLAVE:** Género. Masculinidades. Educación. Universidad.

### **ABSTRACT**

This article analyzes the conceptions about gender and masculinity (s) of pedagogues in formation, trying to discuss how their insertion in the university context has had repercussion on the (re) construction of their masculinities. It also focuses on aspects of Pedagogy training and the University's role in addressing gender issues, considering the implications or cross-referencing of these issues in the educational and professional possibilities available to the pedagogues. The narratives produced by the research subjects, in the context of a focal group, point to the experience of experiences in which their masculinities were questioned, mainly in function of the professional choice. However, they problematize this prejudice as something that must be denatured, as well as the gender conceptions that support it. It is concluded that the University, like other educational spaces, can play an important role in the discussion of normative gender norms and in the deconstruction of discriminatory practices in this scope.

**KEYWORDS:** Gender. Masculinity. Education. University.

\*\*\*

### **Introdução**

Desde a mais tenra idade, os indivíduos são apresentados a determinados modelos de ser homem e ser mulher, padrões que vão sendo construídos baseados na história, na cultura, nos costumes e crenças de determinada sociedade. Cada pessoa pode se identificar com tais modelos ou recusá-los, como também descobrir e inventar novas possibilidades identitárias nessa esfera. Dessa forma, percebe-se que as masculinidades e feminilidades não são um dado biológico, mas uma construção social, histórica e subjetiva (CONNELL, 1995).

Apesar de todos os avanços no plano dos direitos humanos e da democracia efetivados ao longo da história ocidental, bem como das conquistas alcançadas pelos movimentos feministas na luta pela igualdade de gêneros em diferentes sociedades, abordar e discutir esta temática ainda consiste em um tabu no mundo contemporâneo. Vivemos em uma realidade em que a desigualdade de gênero está muito presente e na qual os indivíduos que não seguem os padrões de gênero impostos socialmente são alvo de preconceito e exclusão, em função dos estereótipos que associam o ser homem e o ser mulher a um conjunto de determinadas características, desconsiderando a existência das múltiplas masculinidades e feminilidades.

Nesse sentido, cabe discutir o papel dos espaços educativos na perpetuação ou transformação desses padrões. Há algumas décadas, a escola tem sido foco da atenção de estudos que problematizam seu papel normativo e regulador no que concerne às questões de gênero e sexualidade (LOURO, 1997, 2011; GUIZZO, 2007), mas é preciso avançar no estudo e análise sobre como esses temas têm sido abordados para além da educação básica, como é o caso do contexto universitário.

A presente pesquisa<sup>3</sup> analisa as percepções de pedagogos em formação sobre gênero e masculinidade(s), buscando compreender o que significa ser homem para eles e de que forma a universidade, enquanto espaço educativo, tem influenciado a (re)construção de suas concepções nessa esfera. Buscou-se também identificar as relações que estabelecem entre masculinidades e feminilidades para, então, problematizar como as questões de gênero atravessam a própria escolha profissional realizada por eles e pode influenciar sua futura atuação como pedagogos.

As reflexões aqui apresentadas foram construídas a partir dos dados obtidos em grupo focal realizado com quatro pedagogos em formação numa universidade pública localizada na região do Alto Uruguai Gaúcho, tendo dois deles iniciado a graduação em 2014, um em 2016 e outro em 2017. O grupo focal teve duração de uma hora e trinta minutos, período durante o qual as pesquisadoras buscaram promover o diálogo entre os participantes para identificar suas opiniões, crenças e valores sobre o tema em debate (JOBIM SOUZA e GAMBÁ JUNIOR, 2007). Para identificar os participantes nas publicações derivadas da pesquisa foram utilizados nomes fictícios (Carlos, Alex, Mateus e Pedro) garantindo o sigilo da identidade pessoal. Os dados produzidos foram

<sup>3</sup> Esta pesquisa contou com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

analisados com base na técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011) e comparados com a pesquisa bibliográfica realizada inicialmente.

Além desta Introdução, o artigo apresenta duas seções principais que comportam a discussão realizada a partir dos dados obtidos com a pesquisa empírica. Na primeira seção, são analisadas as concepções de gênero e masculinidade(s) dos pedagogos participantes da pesquisa. Na sequência, como parte da segunda seção, são enfocados aspectos da formação em Pedagogia e o papel da Universidade na abordagem das questões de gênero, sendo o artigo finalizado com uma breve Conclusão.

### **Dialogando com pedagogos em formação sobre gênero e masculinidade(s)**

A análise das narrativas produzidas pelos participantes da pesquisa a partir do grupo focal realizado permitiu-nos observar que, para a maioria deles, ser homem é uma construção social. Alex, um dos universitários, apontou que ninguém nasce homem mas torna-se homem, citando a escritora Simone de Beauvoir, que em sua obra “O segundo sexo”, publicada em 1949, formulou frase semelhante contemplando as mulheres. Nas palavras de Alex: “ser homem é uma construção social, eu vou aprendendo a ser, não nasço homem, ao longo da minha vida eu vou vendo aqui, pegando ali, no meio da minha família, na sociedade e vou construindo a maneira que eu sou hoje”. Narrativa está consoante com o que mencionaram Carlos e Mateus em relação ao ser homem como uma construção social que ocorre a partir das interações e relações sociais: “a gente aprendeu isso com alguém” (Carlos). Apenas um dos participantes, Pedro, destacou o aspecto biológico, apontando que o indivíduo nasce homem e a masculinidade dele é determinada por seu sexo: “é preciso ter um pênis para ser homem”. Afirmação esta que rendeu vários comentários no grupo, como o de Alex: “isso não define nada, que barba, cabelo curto, pênis, não definem um homem, pois ser homem é uma construção”.

Dessa forma, emergiram diferentes posicionamentos em relação ao tema na discussão travada no grupo focal, tendo os participantes apresentado narrativas que permitem entrever que a construção das masculinidades, além de ser social e cultural, também é marcada por processos singulares, que variam ao longo da vida e encerram a possibilidade de mudança em relação àquilo que fora dado como estabelecido ou valorizado num determinado momento de suas vidas. O que chama atenção para a complexidade e dinamicidade que caracterizam as construções de gênero em sua relação

com os processos identitários, conforme já destacado por outros autores (CONNELL, 1995; LOURO, 1997; GUIZZO, 2007; CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013).

No grupo focal realizado também foram comentadas situações que permitem refletir sobre as relações estabelecidas entre masculinidades e feminilidades. Carlos destacou o machismo, ainda muito presente na sociedade. Ele citou um exemplo no qual havia um grupo de homens e uma mulher assistindo a um jogo de futebol. Chegou um homem e cumprimentou todos, menos a mulher, uma atitude que Carlos tomou como machista porque produziu constrangimento e exclusão da mulher. Ele ainda comentou que em casos assim, se alguém “levanta a bandeira” da discussão sobre o machismo, por vezes o desfecho é marcado por piadas e deboches que apenas reforçam a discriminação.

Sobre isso Castañeda (2006) destaca que o machismo é produto da sociedade patriarcal, que se manifesta a partir de atitudes naturalizadas que muitas vezes passam despercebidas, como olhares, gestos, brincadeiras ou pelo simples fato de ignorar o outro. Nesse viés, percebe-se que a mulher, em uma situação considerada masculina, como no exemplo citado assistindo a um jogo, acaba sendo ignorada ou “invisibilizada” (LOURO, 2011, p.21).

De acordo com Damico e Meyer (2010), masculinidades e feminilidades vão sendo constituídas em múltiplos processos educativos, que nunca estão finalizados, a partir de práticas sociais e institucionais que acabam naturalizando modelos de ser homem e de ser mulher. Assim, situações como a destacada por Carlos passam despercebidas por estarem naturalizadas. Daí a importância de se colocá-las em discussão (DAMICO; MEYER, 2010).

Diante das reflexões produzidas no grupo sobre as formas de opressão a que são submetidas as mulheres, Alex destacou a necessidade de se discutir como esses processos atingem também as “minorias” sexuais. Ele revelou que muitas vezes foi tratado no feminino por ser homossexual, como se sua identidade sexual determinasse o seu gênero. Em face disso faz questão de pontuar que “não é uma mulher e sim um homem homossexual”. A sua escolha pelo curso de pedagogia, tido como feminino pela maioria das pessoas com as quais ele convive, acabou por confrontá-lo com a vivência de preconceitos já conhecidos e outros novos. Como conclui Alex, os homossexuais acabam sendo considerados “menos homens” no geral, mas especialmente quando se aproximam de universos considerados mais femininos.

Esse tipo de situação é problematizada por Welder-Lang (2001) quando afirma que, desde a infância, os meninos passam por um processo de inculcação no qual aprendem que para ser um “verdadeiro homem” é preciso distanciar-se de aspectos que poderiam associá-los às mulheres. Assim, quando adultos, muitos homens buscando se distinguir dos fracos, “das femeazinhas, dos ‘veados’, ou seja, daqueles que podem ser considerados como não-homens” (WELDER-LANG, 2001, p.465). Nesse sentido, áreas como pedagogia, que exigem o cuidar e educar, características historicamente associadas às mulheres, são áreas pouco procuradas pelos homens até hoje e, quando o são, despertam avaliações negativas ou estigmatizadoras.

Connell e Messerschmidt (2013, p.248) lembram, entretanto, que padrões normativos relacionados a gênero, como os anteriormente descritos, não devem ser tomados como realidades fixas e acabadas, mas processos “[...] constantemente renegociados na vida cotidiana”. As próprias formas dominantes ou hegemônicas de masculinidade são influenciadas pelas chamadas masculinidades subordinadas (como a de homens homossexuais, por exemplo) e também por outras clivagens sociais ou identitárias, como etnicidade, raça, classe social, geração, sexualidade, escolha profissional etc. Processos esses que se entrecruzam de forma complexa, conforme sinaliza a discussão apresentada na próxima seção, na qual buscamos focalizar um recorte de análise entre muitos possíveis: a relação entre questões de gênero e possibilidades formativas e profissionais.

### **Formação em Pedagogia e o papel da Universidade na abordagem das questões de gênero**

Ao produzirem narrativas sobre o processo de escolha da pedagogia como profissão os participantes da pesquisa demonstraram o quanto essas questões se fazem presentes na realidade por eles vivida. Mesmo tendo destacado que se trata de uma graduação que abre muitas possibilidades de atuação, e que se sentem realizados ao terem feito essa escolha, salientam a existência de obstáculos que sabem que terão de enfrentar no mercado de trabalho, pois já tiveram contato com alguns deles durante os estágios ou outras incursões pela docência. Os obstáculos que mencionaram são similares aos já identificados em outras pesquisas sobre o tema, como as realizadas por Carvalho (1998), Araújo e Hammes (2012), Silva e Martins (2016), Althoff (2016).

Esses/as autores/as analisam a presença de homens na pedagogia lidando com crianças e destacam que os homens que optam por esta área enfrentam muitos

preconceitos e discriminações. Eles frequentemente têm sua orientação sexual colocada sob suspeita e ainda são discriminados por pais ou responsáveis que acabam não aceitando que um homem cuide de seu filho, por receio de que este sofra algum tipo de abuso (ARAÚJO; HAMMES, 2012).

Ao opinarem especificamente sobre a influência da universidade na (re)construção de suas masculinidades e em suas concepções de gênero, os participantes reconhecerem esse espaço educativo como uma fonte rica de conhecimentos, como também de relações, que acabam influenciando na construção de suas formas de ser e estar no mundo. Segundo a descrição dos estudantes de pedagogia, trata-se de um contexto no qual diferentes modos de ser (homem, mulher, jovem, estudante etc.) se encontram, possibilitando a ampliação da rede de relacionamentos e das possibilidades identificatórias, além da construção de conhecimentos e a reflexão sobre questões antes desconhecidas ou pouco debatidas.

O próprio fato da convivência maior com mulheres, oportunizada pelo curso de pedagogia, foi apontado como algo significativo nesse sentido: “dentro da Universidade, pelo menos eu que tô numa turma de 49 meninas, eu começo a repensar [...] fora dela tem uma construção e dentro dela sendo incluído tu acaba começando a refletir começando a pensar, dentro da universidade, se realmente é isso” (Alex).

Não obstante, os participantes criticaram a falta de discussões e outras ações planejadas na/pela universidade com foco nas questões de gênero. Reconheceram a existência de conversas informais nos corredores, entre amigos e conhecidos, e a participação no grupo focal desta pesquisa como espaços de discussão sobre estas temáticas, mas não a existência de ações sistemáticas por dentro das disciplinas ou em grupos de estudos e projetos de pesquisa e extensão. Assim, percebe-se que, no contexto universitário, como também na sociedade em geral, discussões relacionados a questões de gênero e sexualidade são escassas, contribuindo para que certas representações e práticas sobre homens e mulheres sigam naturalizadas.

## **Conclusão**

Conclui-se, a partir das narrativas produzidas pelos estudantes universitários participantes da pesquisa aqui relatada, que as experiências e aprendizados que eles vivenciam na universidade influenciam a construção de suas masculinidades e suas concepções de gênero, especialmente em função da diversidade de opiniões, pessoas,

saberes e práticas com as quais a universidade os colocou em contato. Por outro lado, as narrativas produzidas pelos universitários revelam que, nesse espaço educativo, são raros os momentos e oportunidades de discussão sobre gênero no contexto de disciplinas, ações e projetos especificamente planejados para esse fim.

Os universitários descreveram ainda a vivência de experiências, na universidade ou fora dela, em que sua masculinidade foi questionada em função de terem optado pela pedagogia como profissão. No entanto, o meio universitário também possibilitou que eles percebessem que este preconceito faz parte de um padrão construído historicamente. Permitiu também que eles (re)pensassem o que significa ser homem na sociedade contemporânea, os preconceitos e padrões naturalizados que continuam determinando modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade.

Dessa forma, em uma sociedade em que ainda se fazem presentes tantos tabus e preconceitos, a discussão sobre tais temáticas pode ser uma importante iniciativa para a promoção de transformações sociais que venham a romper com o "ciclo de desigualdades" (HEILBORN, 1997) que afeta a vida de muitos/as brasileiros/as. Além disso, pode contribuir para que instituições educativas (escola, universidade, família etc.) considerem mais criticamente os posicionamentos que adotam quando se propõem a trabalhar com as crianças e jovens essas questões ou ao recusarem a tarefa de fazê-lo, uma vez que tais posicionamentos estão carregados de sentido para esses sujeitos, com repercussões diversas.

## Referências

ALTHOFF, Katiany Cargnin. *Homens pedagogos? A vivência dos professores que atuam com crianças na região de Braço do Norte - SC*. Monografia (especialização), Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na escola, Florianópolis, 2016.

ARAÚJO, Messias. Pereira; HAMMES, Care. Cristiane. A androfobia na educação infantil. *Interfaces da Educação*, Paranaíba, v. 3, nº 7, p. 5-20, 2012.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011, 279 p.

CARVALHO, Marília Pinto de. Vozes masculinas numa profissão feminina. *Revista estudos feministas*, Florianópolis, v.6, nº 2, p. 406-422, jan. 1998.

CASTAÑEDA, Marina. *O machismo invisível*. São Paulo: A Girafa, 2006, 304 p.

CONNELL, Robert. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v.20, n.2, p.185-206, jul./dez 1995.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica repensando o conceito. *Revistas Estudos Feministas*, Florianópolis, v.21, n.1, p.241- 82, 2013.

DAMICO, José Geraldo Soares; MEYER, Dagmar E. Estermann. Constituição de masculinidades juvenis em contextos "difíceis": vivências de jovens de periferia na França. *Cadernos Pagu [online]*, Campinas/SP, n.34, p.143-178, jan./jun. 2010.

GUIZZO, Bianca Salazar. Identidades de gêneros masculinas da infância e as regulações produzidas na educação infantil. *Revista Ártemis*, João Pessoa, v.6, p.38-48, jun. 2007.

HEILBORN, Maria Luíza. O traçado da vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro. In: MADEIRA, F. R. (org.). *Quem mandou nascer mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes pobres do Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997, p. 291-342.

JOBIM SOUZA, Solange; GAMBA JUNIOR, Nilton. AIDS – Transformando casos em Histórias: uma pesquisa – intervenção. *Revista de Psicologia Política*, Belo Horizonte/MG, vol.7, n°13, 2007. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/rpp/seer/ojs/viewarticle.php?id=30&layout=HTML>>. Acesso em: 10 set. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. *Formação Docente*, Belo Horizonte, v. 03, n. 04, p. 62-70, jan./jul. 2011.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997, 179 p.

SILVA, Júlio Régis da; MARTINS, Viviane Lima. O professor homem na educação infantil: um olhar acerca do preconceito. *Revista científica Intr@ciência*, Guarujá, Edição 11, p. 1-23, jun. 2016.

WELDER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.9, n.2, p. 460- 482, 2001.

Recebido em dezembro de 2018.

Aprovado em janeiro de 2019.